

## METAMORFOSES

---

### Metamorphosis

### Metamorfosis

#### Mark Kovic

Diretor Adjunto e Professor Associado  
da Faculdade de Ciências da Saúde,  
Departamento de Terapia Ocupacional  
da Universidade de  
Midwestern, Illinois, Estados Unidos  
da América.  
[sookovic@sbcglobal.net](mailto:sookovic@sbcglobal.net)

#### Resumo

Um diálogo crítico do futuro da terapia ocupacional no Brasil através do pragmatismo e da reflexão. A reflexividade crítica através da sustentabilidade contextual e a narrativa experiencial são exploradas como meios para navegar na educação, prática, política e comunidades, a fim de atender às necessidades daqueles que recebem serviços de terapia ocupacional.

**Palavras-chave:** Educação; Justiça ocupacional; Terapia ocupacional; Ciência ocupacional.

696

#### Abstract

A critical dialogue of the future of occupational therapy in Brazil through pragmatism and reflection. Critical reflexivity through contextual sustainability and experiential narratives are explored as means to navigate education, practice, policy and communities in order to address the needs of those who receive occupational therapy services.

**Keyword:** Education; Occupational justice; Occupational therapy; Occupational science.

#### Resumen

Un diálogo crítico del futuro de la terapia ocupacional en Brasil a través del pragmatismo y la reflexión. La reflexividad crítica a través de la sostenibilidad contextual y las narrativas experienciales se exploran como medios para navegar la educación, la práctica, las políticas y las comunidades con el fin de abordar las necesidades de quienes reciben servicios de terapia ocupacional.

**Palabra clave:** Educación; Justicia ocupacional; Terapia ocupacional; Ciencia ocupacional.

## INTRODUÇÃO

É uma honra ter a oportunidade de participar de um diálogo crítico sobre a terapia ocupacional com meus estimados colegas brasileiros. Minha preparação para este editorial foi intencional e incluiu alguns esboços de ideias, a partir da leitura básica de informações e de manuscritos publicados anteriormente em outros periódicos. Isso me permitiu mergulhar neste documento, potencialmente vivo, e no que ele pode gerar a partir de sua difusão. Após algumas reflexões, minhas experiências, até agora, com a comunidade de terapia ocupacional brasileira me ensinaram que há um brilho humilde e confiante em todo o país. Lembro-me de um exemplo que ilustra meus comentários. Eu estava com um grupo de terapeutas ocupacionais no Dia Mundial da Terapia Ocupacional, em outubro de 2015, em uma praia na cidade do Rio de Janeiro. Ouvimos música, dançamos, cantamos e celebramos nossa profissão juntos como uma família global de terapia ocupacional. Havia um sentimento único de pertencer a algo muito maior do que eu. Este mesmo sentimento é evidente em conferências, universidades, ambientes institucionais e locais. Assim, espero que o produto criado aqui seja respeitoso com aqueles que representam nossa profissão e seja uma oportunidade instigante para todos nós refletirmos criticamente sobre nossas realizações, analisarmos nossos desafios contínuos e contribuirmos para o estabelecimento de estratégias para o nosso futuro.

697

Eu escolho ser otimista em relação à terapia ocupacional. Eu escolho acreditar que a vasta amplitude, profundidade de oportunidades e possibilidades em terapia ocupacional podem e serão construídas sobre as *capabilities* e *capacities*<sup>1</sup> da profissão em toda a extensão deste mundo. Escolho considerar futuros alternativos para a terapia ocupacional e para aqueles a quem servimos em todos os níveis, de modo que todos tenham oportunidade de explorar e ocupar-se em atividades de escolha em ambientes menos restritivos. Essas escolhas são deliberadas, intencionais e podem se tornar realidade neste século. Cada faceta deste manuscrito é fundamentada em evidências e interpretação sobre elas. Adotarei uma postura mais filosófica para dar o tom deste manuscrito. Ao longo dele, navegarei em uma discussão, a fim de desenvolver e apoiar meus comentários relacionados a: (1) treinamento de terapeutas ocupacionais, (2) como as semelhanças e diferenças de treinamento podem apoiar ou dificultar a terapia ocupacional, (3) como as questões regionais e locais se cruzam com esses construtos, (4) como esses tópicos podem incentivar o diálogo, (5) como a ciência ocupacional se relaciona com essa discussão, e (6) como vamos sobreviver e como podemos minimizar as desigualdades em todo o mundo. O documento terminará depois que

---

<sup>1</sup> Mantiveram-se na tradução os termos originais em inglês. Oferece-se uma tradução livre para a sua compreensão. *Capabilities* – é a capacidade para executar/desempenhar uma habilidade. *Capacities* – é o potencial para desenvolver uma habilidade.

viajarmos juntos ao longo deste manuscrito com uma conclusão que reflete um resultado plausível de nossa jornada. Embora eu apresente esses pensamentos, interpretações e conclusões, não afirmo necessariamente que esse caminho proposto é a única maneira de navegar no futuro. Em vez disso, escolho acreditar que essa é uma das inúmeras possibilidades. Nosso coro é forte e podemos construir todos juntos uma massa crítica para o futuro da terapia ocupacional.

## **Treinamento de terapeutas ocupacionais**

Elelwani L. Ramugondo discursou no primeiro congresso da Federação Mundial de Terapia Ocupacional (WFOT) no continente africano em maio de 2018<sup>1</sup>. Ela falou elegantemente sobre a consciência ocupacional<sup>2</sup>. Elaborou uma discussão em sua palestra entorno da metáfora da tapeçaria, que abordava tópicos como a forma com que a colonialidade impactou o modo como as pessoas percebem o tempo atual e o como se percebem a si mesmas, como se envolvem em ocupações e, até certo ponto, como algumas das semelhanças na educação e na prática do Norte e do Sul globais existem<sup>1</sup>. Ela utilizou as palavras debilidade, descolonialidade e desumanização para enquadrar sua discussão e falar sobre como podemos avançar e “curar” essas feridas. Para o nosso manuscrito, vou adotar parte de sua mensagem de que podemos “mudar o mundo”. Embora a cautela seja abundante a mudança é concebível.

**698**

Esses conceitos estão incluídos implicitamente em uma discussão sobre o futuro, especialmente porque a história do colonialismo está relacionada a realidades, acesso a recursos e a diferenças sociais.

É possível que a construção da consciência ocupacional tenha contribuído para o pano de fundo ou a base para o discurso de abertura mencionado anteriormente. Independentemente deste manuscrito é importante considerar que algumas das questões relacionadas a semelhanças e, especialmente, diferenças na terapia ocupacional em todo o mundo, podem estar relacionadas ao envolvimento em ocupações e podem ser uma oportunidade para responder às estruturas sociais existentes em todo o mundo.

A fim de abordar semelhanças e diferenças com o treinamento formal de terapeutas ocupacionais em todo o mundo, com a intenção específica de comparar e contrastar o "Norte" e "Sul" global, é importante analisar as semelhanças e diferenças entre construtos como ocupação e atividade<sup>3</sup>. Apesar da realidade de que esses são dois construtos separados, seu significado, compreensão e uso estão frequentemente ligados na terapia ocupacional.

Com a tradução para outras línguas além do inglês, e dentro de situações contextuais, essas palavras possuem significados diferentes - aumentando assim a complexidade e a compreensão das diferenças na educação em todo o Norte e Sul global. Sobre isso, Salles e Matsukura<sup>3</sup> analisaram 19 artigos revisados por pares e argumentaram sobre a “falta de coesão” conceitual entre os termos, o que contribui para a ausência de clareza e a incapacidade de analisar e criticar adequadamente seus constructos. Sobre a consideração das autoras, a complexidade desses termos pode significar que talvez nunca haja uma definição de ocupação universalmente aceita. Talvez o que essas autoras formulam para nós em sua narrativa é que o contexto ligado às necessidades sociais possa nos guiar para a relevância ocupacional.

Assim, a ocupação molda as diferenças sociais em nosso mundo<sup>4</sup>. De fato, pode ser que esse caminho seja bidirecional. Angell<sup>4</sup> afirma que “as oportunidades ocupacionais” são desiguais para as desigualdades sociais. O autor descreve que as diferenças sociais podem orientar quem pode ou não participar de ocupações. Pode ser possível concluir que isso também pode afetar quando e onde essas ocupações ocorrerem. Entre as conclusões de Angell, está a de que a interseccionalidade pode ser um meio para abordar essas diferenças.

699

### **Como as semelhanças e diferenças de treinamento podem apoiar ou dificultar a terapia ocupacional?**

Até agora, em nosso manuscrito, o trabalho de base foi estabelecido para os aspectos sociais e contextuais de um local, região, país ou hemisfério, sendo tanto a origem quanto a solução para as diferenças da ocupação e da terapia ocupacional.

Organizações que trabalham em conjunto com a comunidade de terapia ocupacional também apresentam critérios e padrões educacionais. A educação formal em terapia ocupacional no “Norte” global, predominante pelas origens e evolução ao longo dos últimos 100 anos, está vinculada a organizações e agências de credenciamento. Na Europa, a ENOTHE e a COTEC orientaram organizações que dirigiram a educação em terapia ocupacional em todo o continente europeu. A ENOTHE foi fundada em 1995 para unir padrões educacionais em toda a Europa. A COTEC foi criada em 1986 e representa mais de 180.000 terapeutas ocupacionais de 30 associações (<http://www.coteceurope.eu/>).

Há oportunidades educacionais em nível de graduação para aqueles que praticam a clínica na Europa e que desejam maior desenvolvimento profissional. Essa oferta é baseada na postura de que

“com o aumento da idade média, o aumento de pessoas com deficiência e condições crônicas, há a necessidade de terapeutas ocupacionais altamente qualificados e que estejam melhor preparados para lidar de forma inovadora com situações complexas de terapia e promoção da saúde”. Uma declaração comparável foi feita pelo ACOTE (*Accreditation Council for Occupational Therapy Education* - Conselho de Credenciamento para Educação em Terapia Ocupacional) nos Estados Unidos, como parte de uma explicação para mudar a prática de nível básico, Bacharel, para o de pós-graduação profissional em 1999: “Dadas as demandas, a complexidade e a diversidade da prática da terapia ocupacional contemporânea, a posição do ACOTE é que os padrões educacionais futuros provavelmente serão alcançados em programas de pós-graduação”.

À luz do contexto histórico dessas decisões, pode haver um terreno comum para tópicos-chave e uma oportunidade de se relacionar e aprender uns com os outros. Embora estes tópicos, objetivamente, devam ser relevantes para cada localidade, nação e região, as narrativas políticas e culturais podem servir para orientar a educação em terapia ocupacional. Na tensão entre a prática atual e suas visões futuras com a evolução das necessidades das comunidades, parâmetros comuns podem se tornar um ponto de unificação e uma estratégia para apoiar o crescimento e manter a identidade da terapia ocupacional.

No entanto, apesar das evidências apoiarem essas decisões, a sociedade e as demandas sociais, os cenários políticos, a saúde e a riqueza geral dessas nações a cima mencionadas não correspondem necessariamente às do resto do mundo. Então, agora podemos ter alguma compreensão das origens das diferenças entre Norte e Sul global. Essas diferenças provavelmente começaram antes que essas decisões educacionais fossem compartilhadas publicamente, mas, nas últimas décadas, essas expectativas educacionais tornaram-se realidade. Não devemos nos concentrar apenas nas diferenças geográficas para tentar entender o contexto, e sim, considerar como a mudança ocorre. Por exemplo, embora um terapeuta ocupacional possa exercer a profissão no Brasil com um diploma de bacharel, a Universidade Federal de São Carlos oferece agora uma formação em nível de pós-graduação, sendo a primeira a oferecer este tipo de formação específica em terapia ocupacional no país. No entanto, há discussões, como as apresentadas por Emmel *et al*<sup>5</sup>, de que com o maior reconhecimento da profissão no Brasil gerou-se a necessidade de formação qualificada e conseqüentemente a necessidade por programas de pós-graduação. Essas necessidades, por sua vez, contribuíram para um diálogo mais complexo da terapia ocupacional. Uma questão permanece, será que o futuro da terapia ocupacional no Brasil significa avançar para a educação obrigatória á nível de pós-graduação?

Continuaremos a explorar essa questão durante toda a nossa discussão.

Há uma ampla gama de semelhanças e diferenças na educação em terapia ocupacional, dependendo do país. Alguns começam essa educação no nível de graduação. No entanto, outros só começam em nível de pós-graduação. As semelhanças e, em particular, essas diferenças, podem ser entendidas em nosso diálogo. Neste sentido, as semelhanças podem ser mais aceitas entre culturas e países, mas e as diferenças? As diferenças agem como barreiras para o cumprimento do potencial da terapia ocupacional ou as diferenças fortalecem nossos objetivos? Ambos. Simultaneamente. As diferenças analisadas até agora não são mutuamente exclusivas. Em vez disso, elas são contextuais e situacionalmente determinadas e relevantes, como também permitem alguma interpretação. A interpretação dessas diferenças pode ser fundamentada no diálogo que busca definir o cenário para direcionar e moldar a nossa compreensão sobre a ocupação do indivíduo para uma abordagem mais coletiva e baseada na comunidade. Pelo menos parte disso está ligada aos aspectos sociais da ocupação dentro de uma estrutura contextual.

### **Como as questões regionais e locais se cruzam com esses construtos?**

**701**

A análise da complexidade de comunidades é possível e necessária, como por exemplo, através da abordagem da Teoria dos Sistemas<sup>6</sup>. Fogelberg e Frauwirth<sup>6</sup> argumentam que Mary Reilly introduziu a Teoria dos Sistemas na terapia ocupacional em 1974. Essa introdução teórica pode ter contribuído para o crescimento de outras áreas e teorias na terapia ocupacional. Pontos-chave aqui incluem que esses sistemas/teorias não são de natureza estática. A natureza dinâmica de qualquer sistema complexo, incluindo o da ocupação e da terapia ocupacional, continuará a se desenvolver e assumir novas características. Com isso, essas mudanças precisarão ser operacionalizadas de formas diferentes. Esses autores propõem que se a ocupação está no centro de um indivíduo (interno) e que o ocupacional ocorre em um contexto ambiental (externo), o delicado equilíbrio destes fenômenos são refletidos no sistema. Grupos de uma comunidade se encaixam nesse cenário proposto. Como essa é uma discussão tão complexa, talvez seja necessário adicionar mais dimensões à nossa discussão para que possamos apreciar sua riqueza. Até agora, focalizamos os aspectos culturais, incluindo os aspectos educacionais da terapia ocupacional, mas também devemos incluir uma análise das contribuições sociais e políticas - especialmente as relacionadas às “ocupações coletivas”.

## Como esses tópicos podem incentivar o diálogo?

Gerlach *et al.*<sup>7</sup> escrevem sobre como o Norte global, que enquadra grande parte do mundo pós-colonial, concentrou-se principalmente no individualismo através de uma agenda neoliberal. Isso não está necessariamente alinhado com as necessidades das comunidades para fins de saúde ou de desfechos baseados na ocupação. Isso é importante para a nossa discussão. Esses autores argumentam que o individualismo assume a ideia de que as pessoas têm uma certa autonomia em relação à escolha ocupacional. Essa abordagem não inclui o impacto potencial de restrições sociais ou de suporte para indivíduos ou grupos. Assim, alguma dimensão da sociedade, como bem uma política relacionada a esta dimensão, é perdida, e pode até servir para reforçar as limitações sociais que geram essas desigualdades. Para ter cautela, nem esses autores nem eu propomos uma resposta simples para um tópico tão complexo, ao contrário, devemos juntos refletir criticamente sobre como tomamos decisões. É possível que cada parte do mundo, cada comunidade, cada indivíduo, incluindo como cada uma delas interage umas com as outras, seja a lente pela qual veremos e abordaremos a variedade de necessidades ocupacionais nos micro, meso e macro níveis.

702

Esta lente proposta através da qual os diferentes níveis podem ser analisados em separado e em coletivo pode oferecer maior compreensão sobre cada uma das questões que foram anteriormente introduzidas - cultural, social e política. Os artigos revisados por pares escolhidos para o nosso manuscrito para apoiar essas reflexões irão se basear em um diálogo contínuo. Isso nos permitirá direcionar nossa discussão para a educação entre as complexidades do Norte e do Sul globais. Proponho que a terapia ocupacional e sua capacidade de obter sucesso, incluindo suas diferenças justapostas à sua necessidade de continuidade, dependam das questões político-socioculturais em qualquer comunidade, região ou hemisfério.

"Cultura é fundamentalmente importante para esta grande profissão"<sup>8</sup>. Esta é a primeira frase em um manuscrito sobre cultura e a sua relevância relacionada à terapia ocupacional em todo o mundo. Como Iwama<sup>8</sup> descreve, um ponto importante da nossa existência como profissão está diretamente relacionado à nossa importância para as realidades cotidianas de nossos clientes, assim, é a nossa diversidade como seres humanos, situados dentro de nossas realidades contextuais, que nos permitem contar as histórias de nossas vidas ocupacionais. Esta parte de nosso diálogo é focada nos aspectos individuais de nossas vidas. a ocupação, no nível micro, também nos lembra que uma parte importante dessa narrativa tecida é o aspecto social de nossas experiências ocupacionais.

Hammell<sup>9</sup> explica seus pensamentos sobre a interdependência enquanto explorava a ocupação. Isso contrasta com uma abordagem mais tradicional do mundo ocidental (ou do Norte global) para medir a ocupação por meio da independência. Essa diferença pode servir como outro ponto em nosso diálogo sobre como e onde há visões distintamente variadas, como as discutidas até aqui, sobre a ocupação. Interdependência implica um *link* ou uma conexão. E que essa conexão seja a pessoa envolvida em uma ocupação dentro de um ambiente.

Mais uma vez, retornamos ao meio ambiente, comunidade, ocupações coletivas e como esses construtos podem não estar necessariamente separados. O aspecto social de como nos envolvemos em ocupações é central para a eficácia da terapia ocupacional. Hammell escreveu neste artigo de 2009 mais sobre uma exploração da ocupação do que um construto. No entanto, seus comentários sobre ser crítico, a realidade potencial de ser “culturalmente específico” e a falta de atenção sobre isso no resto do mundo podem ser uma forma de “imperialismo teórico”<sup>9</sup>.

O imperialismo na forma de políticas neoliberais está no centro do aspecto político da sociedade e de como a terapia ocupacional se cruza com pessoas com deficiências. Sakellariou e Rotarou<sup>10</sup> analisaram exemplos de casos na tentativa de entender melhor como as políticas mencionadas podem levar a desigualdades em saúde. Infelizmente, esses tipos de políticas podem levar a um ataque direto ou indireto aos determinantes sociais da saúde por meio de “diferenças de poder”. Esses autores escrevem sobre como a crise financeira global de 2008 levou à adoção do Chile por reformas neoliberais, que afetaram as pessoas pobres e desfavorecidas com deficiências e o acesso geral a recursos, apesar da realidade de que este país tem assistência médica universal. A narrativa provável com essas políticas é que a deficiência é rotulada como “negativa”. Outro aspecto do impacto dessas políticas é a tendência à “individualização” do direito de acesso ao cuidado. Isso é contraditório com a mensagem que se desenvolve através do nosso manuscrito. Além disso, as desigualdades sociais, juntamente com a crescente evidência de que, especialmente com certas condições, os determinantes sociais da saúde são parte integrante de resultados bem-sucedidos. Embora o Chile seja um bom exemplo sobre essa questão no contexto latinoamericano, há mais exemplos em todo o mundo. No entanto, em última análise, é importante notar que essas políticas são muitas vezes de natureza política - impulsionadas pelo nacionalismo, pelo protecionismo ou por outros “ismos” - e lideradas por pessoas em posições de poder político. Assim, cada localidade, região ou parte do globo tem sua própria história e como quaisquer políticas lideradas pelo Norte, diretas ou indiretas, pós-coloniais, dirigidas pelo Ocidente, impactam as vidas de pessoas com deficiências e da própria terapia ocupacional.



Esses atributos únicos de interação cultural-social-política em relação ao diálogo em nosso manuscrito devem guiar o leitor mais em direção a como eles se cruzam individualmente com cada indivíduo, considerando que esse indivíduo (com ou sem deficiência) se envolve em ocupações em um ambiente dentro de uma comunidade, dentro de uma nação, dentro do nosso mundo impactado por e através da terapia ocupacional. Até agora, a visão de mundo da terapia ocupacional pode não ser necessariamente, nem deve ser, de natureza coesa ou homogênea. Em vez disso, para abordar essa questão de como esses atributos podem ser compreendidos de forma intersseccional, a pergunta mais relevante a ser feita seria se a heterogeneidade dessas interações se vincula ao nível micro para o macro. Em outras palavras, o que acontece se “invertermos o roteiro”? Ainda é muito cedo para uma resposta a essa pergunta.

Parte da resposta é que, em alguns casos, nos Estados Unidos da América, os programas não ensinam necessariamente terapia ocupacional até a pós-graduação. Isso, em parte, orientou o nível de entrada (até 1º de julho de 2027) para o nível de doutorado. No entanto, em outras partes do mundo, esse não é o caso. Esse desequilíbrio na educação pode levar a desafios e oportunidades. É possível que a comunalidade seja uma âncora para o diálogo. Uma faceta chave que proponho é focar as interseccionalidades e como essas sobreposições intencionais e naturais de construções permitem uma oportunidade em um estado complexo e dinâmico que prepara o terreno para o diálogo nos níveis micro, meso e macro.

Embora nosso manuscrito descreva possíveis contribuições para as diferenças na educação em terapia ocupacional em todo o mundo, existem pontos em comum e possibilidades através das quais pode ser possível facilitar o diálogo com nossa comunidade global coletiva. Apesar do ataque do nosso mundo acelerado, é possível e necessário refletir sobre contextos históricos<sup>11</sup>. Esses contextos ocorreram em um espaço geográfico real - e é esse espaço pelo qual a ocupação existe. Interseccionalidades podem ser instiladas de tal forma que as instâncias onde há desigualdade podem oferecer ligações potenciais com a terapia ocupacional. O diálogo e a reflexão podem ser realizados em todos os níveis discutidos em nosso manuscrito. Essas ações podem vincular o local e o indivíduo ao global e ao coletivo - e ainda permanecer fiel à relevância cultural, social e política. Garcia-Ruiz<sup>11</sup> enfatizou o que parece bastante viável neste caso - a glocalização. Este termo refere-se à ideia de pensar globalmente e agir localmente - um ajuste perfeito para o nosso manuscrito.

A reflexividade crítica é um meio pelo qual a terapia ocupacional pode envolver-se em diálogo, a fim de diminuir as lacunas e diferenças entre qualquer

área discutida, incluindo o Norte e o Sul global. Kovic<sup>12</sup> argumenta que esta é uma possível solução para as “dores do crescimento”. O autor também ofereceu estratégias específicas nos níveis micro, meso e macro. Tenha em mente que o diálogo em nosso manuscrito nos guiou para longe desses termos, a não ser como rótulo para importantes regiões geográficas do mundo, com características e histórias únicas. Essas estratégias incluem o uso de métricas revisadas por pares (consistentes), a viabilidade que precisa estar vinculada a estudos rigorosos e modelos de decisão orientados por dados.

Para isso, pode ser possível incorporar aspectos da Ciência da Ocupação para construir uma abordagem de reflexão, exploração e conceitualização para reformular a ocupação por meio de um amálgama dos documentos.

### **Como a Ciência da Ocupação está relacionada a essa discussão?**

O artigo seminal de Clark *et al.*<sup>13</sup> introduziu a Ciência da Ocupação como uma disciplina através da qual a ocupação e suas muitas complexidades podem ser exploradas. Clark e seus colaboradores introduziram o modelo de sistemas como um meio de abordar as complexidades inerentes da ocupação. Este modelo tem sido um fio importante em nosso diálogo ao longo deste manuscrito. Além disso, os autores propuseram que a Ciência da Ocupação deveria "transcender o conhecimento cotidiano". Assim, com a valorização das complexidades da ocupação, alinhada ao nosso diálogo contínuo neste manuscrito, o campo da Ciência da Ocupação pode continuar a ter possibilidades para considerar a ocupação como um construto abrangente.

No entanto, a Ciência da Ocupação por si só não resolverá todos os nossos desafios. Suas bases devem ser incorporadas junto a outras abordagens. Uma dessas abordagens está relacionada aos Assuntos de Sustentabilidade: Princípios Orientadores para a Sustentabilidade na Prática da Terapia Ocupacional, Documento de Educação e Bolsa de Estudos (2018) produzido pela *World Federation of Occupational Therapy* (WFOT)<sup>14</sup>. Este documento abrangente de 51 páginas alinha a terapia ocupacional com a agenda universal de Direitos Humanos. Uma declaração poderosa neste documento resume a necessidade de tais diretrizes: “A interconectividade com o mundo promove o desejo de tomar decisões que criarão um lugar melhor através do engajamento em ocupações”<sup>14</sup>. Simultaneamente, este documento da WFOT analisa tópicos que abordamos até agora em nosso manuscrito - especialmente com foco nas injustiças sociais devido, em parte, às desigualdades sociais. O documento da WFOT propõe que é essencialmente nossa obrigação, enquanto terapeutas ocupacionais, enfrentar esses desafios. Proponho concordar com essa afirmação e acrescentar que, se não o

fizemos, podemos nos tornar irrelevantes ou desalinhados com os principais fundamentos do cerne da nossa profissão.

Embora até agora em nosso diálogo tenhamos aproximado as questões entre o Norte e o Sul globais, é importante notar, e os documentos da WFOT nos lembram, que as disparidades financeiras e sociais nessas regiões distintas interagem com desafios como mudanças climáticas e escassez de recursos. Se as linhas tecidas até agora em nosso manuscrito tiverem alguma validade externa, então essa parte da discussão servirá para conectá-las. Devido à interconectividade das ocupações com o meio ambiente, é impossível separá-las artificialmente por meio da análise ou da prática. O documento da WFOT merece uma leitura e discussão profunda para qualquer comunidade de terapia ocupacional no mundo. Existem questões reflexivas para serem incorporadas nas discussões. Assim, para moldar o nosso diálogo em curso neste manuscrito, proponho alguns pontos-chave. Um aspecto a considerar é que o documento da WFOT propõe “capacitar e envolver” as pessoas para obter mais controle sobre suas vidas (ocupacionais) e como essas vidas se cruzam com as comunidades. Uma expansão adicional sobre este conceito coloca que “... a sustentabilidade é realmente sobre o *empowerment* (ou poder) humano...”<sup>14</sup>. O documento da WFOT também enfatiza a necessidade de criar grupos comunitários para aumentar a conscientização, a fim de facilitar a tradução do conhecimento entre as comunidades. A sustentabilidade também intercepta nossa discussão geográfica. As sociedades ocidentais tendem a consumir mais do que outras partes (empobrecidas) do mundo. Isso é insustentável. Isso leva a novas disparidades sociais.

706

Uma possível solução global para esses desafios é manter as abordagens centradas no cliente com aquelas que servimos na terapia ocupacional. Existem exemplos abundantes de tais esforços em direção à sustentabilidade no Brasil. Essa reformulação do nosso papel significa que podemos ser um colaborador ativo para o “desempenho ocupacional sustentável”.

A Ciência da Ocupação e a sustentabilidade podem convergir sobre como entendemos a participação. Pereira<sup>15</sup> analisou a intersecção entre Ciência da Ocupação e inclusão social. Este longo manuscrito explora vários tópicos em torno dessas construções. Como tem sido a prática do nosso manuscrito, esta questão não será esgotada com amplitude, no mais, facilitaremos a relevância da questão, pois como sugere Pereira<sup>15</sup>, pode haver interseccionalidade entre muitos construtos que tem sido tecido em todo este manuscrito. As possibilidades de intersecção incluem o engajamento em nível micro, meso e macro, a interação dinâmica entre as dimensões cultural, social e político, a Ciência da Ocupação e como esses construtos podem se cruzar com a política e a ideia de que há um ethos relacionado à igualdade social. A terapia ocupacional pode e deve estar no centro desse cenário complexo e dinâmico.

Pereira<sup>15</sup> também propôs que a reflexividade crítica é um meio pelo qual podemos analisar essas relações mutuamente. Esta abordagem ecoa em Clark, et al<sup>13</sup> e Kovic<sup>12</sup>, também é adotada por Whiteford e Townsend<sup>16</sup> na estrutura da justiça ocupacional participativa. Pereira<sup>15</sup> escreveu sobre o reconhecimento e a luta relacionada a esse imenso desafio para aqueles com acesso limitado devido a desigualdades. Isso é uma reminiscência da autopercepção no que se refere ao envolvimento em ocupações discutidas por Ramugondo<sup>1,2</sup>. Esses tópicos se alinham com a participação. Se, como Clark, et al<sup>13</sup> propõem que precisamos estar centrados no cliente, e se as agendas neoliberais podem direcionar e orientar políticas (externamente influenciadas) a prestação de serviços de saúde, como terapia ocupacional, então há uma probabilidade de que a participação seja também definida por “Outros” independentes do indivíduo, ambiente, comunidade ou qualquer outro nível. Isso pode levar ao “não reconhecimento” e, provavelmente, ser uma fonte potencial para definir serviços de terapia ocupacional, da educação de terapeutas ocupacionais em diversas áreas do Norte e do Sul global.

A fim de fornecer mais foco diretivo sobre potenciais iniciativas de pesquisa em nível internacional, a WFOT criou o Estudo *Delphi* publicado em 2017<sup>17</sup>. O desenho do estudo imersivo incluiu uma representação internacional de terapeutas ocupacionais e três rodadas de revisão dos dados. Os resultados representaram quase 50% dos países da WFOT nos seis continentes. Os resultados deste estudo informaram oito áreas de prioridade de pesquisa em Terapia Ocupacional no mundo. Aqui estão os três principais: (1) eficácia das intervenções de terapia ocupacional, (2) prática baseada em evidências e tradução de conhecimento e (3) envelhecimento saudável. Embora este manuscrito não indique qual desses tem potencial, incluindo a possível relevância no Brasil, os resultados do estudo *Delphi*<sup>17</sup> oferecem uma visão sobre as possíveis oportunidades de se concentrar e explorar a terapia ocupacional.

Como foi sumarizado ao longo da discussão em nosso manuscrito, nós existimos em um mundo que está mudando em velocidades rápidas. Como tal, a terapia ocupacional precisa ser dinâmica, reflexiva e responsiva para ter relevância ocupacional.

### **Como vamos sobreviver e como podemos minimizar as desigualdades em todo o mundo?**

A terapia ocupacional sobreviverá? Sim. Absolutamente. Sem dúvida – mas com uma ressalva - nossa metamorfose ainda é desconhecida. Entretanto, como um meio para responder a esse fim, pode ser possível que a terapia ocupacional estabeleça

mais colaborações por meio da capacitação em consonância com as instituições existentes na sociedade global.

Os exemplos educacionais citados, que podem ser vinculados em todo o mundo, podem apresentar esse pano de fundo para uma terapia ocupacional sustentável no Brasil e um modelo para o continente e para o mundo todo por meio de um diálogo reflexivo sobre todos os aspectos da terapia ocupacional.

No entanto, cabe ao leitor determinar se os tópicos tramados ao longo de nossa discussão são apropriados e adequados, bem como se as conclusões feitas e o potencial para o nosso futuro coletivo estão ao nosso alcance. Em última análise, devemos responder se podemos ser os autores do nosso futuro de tal forma que garanta a nossa sobrevivência.

Karen Whalley Hammell tratou sobre isso em seu discurso de encerramento do Congresso WFOT de 2018 na África do Sul<sup>18</sup>. A discussão foi emoldurada em torno do impacto das influências do mundo ocidental em outras regiões. Valores neoliberais (individualistas) foram explorados. A interdependência foi apresentada como um valor de muitos em todo o mundo. Possível coerção e escolha ocupacional limitada, restringida por desigualdades sociais. Compartilhou-se informação de que as ocupações que são colaborativas, de sobrevivência ou sagradas somente dentro do contexto em que são desempenhadas precisam de maior exploração. Em ecos da palestra de abertura do Congresso WFOT de 2018, por Ramugondo<sup>1</sup> e Hammell<sup>18</sup> precisamos descolonizar nossas mentes. Hammell também compartilhou palavras de Galheigo<sup>19</sup>, apesar da jornada que tomamos neste manuscrito, o que implica que não podemos e não devemos negar que a realidade de que o Norte (global) está em uma posição de inspirar e fornecer “orientação ou assistência” para o Sul (global).

708

Essas declarações refletem a narrativa e nossa exploração da jornada educacional dos terapeutas ocupacionais em algumas partes do mundo. No entanto, Hammell também pareceu reconhecer nosso potencial. Uma frase-chave oferecida e compartilhada neste manuscrito é que a terapia ocupacional deve permitir “o direito de se envolver em ocupações”<sup>18</sup>. Esta tem sido uma mensagem implícita em todo o nosso manuscrito. Agora temos evidências suficientes para tecer juntos essas narrativas, a fim de fornecer uma estrutura e diretrizes para nosso futuro como uma profissão que busca ser mais do que aquilo que poderíamos acreditar ser possível.

Precisamos sempre ser criticamente reflexivos, abordar nossas narrativas experienciais e como elas podem estar ligadas a conceitos como a epistemologia pragmática. Morrison<sup>20</sup> incorporou a abordagem pragmática adotada por Jane Addams. Morrison<sup>20</sup> escreve que os terapeutas ocupacionais precisam reconhecer explicitamente o pragmatismo a fim de apreciar as ações sociais e o nosso papel dentro desses

construtos. Tal como acontece com outros exemplos em nosso manuscrito, não é possível abordar completamente o pragmatismo. No entanto, existem alguns atributos-chave que se cruzam com o nosso diálogo (possíveis interseccionalidades). Alguns desses exemplos incluem injustiças sociais, direitos iguais de pessoas com deficiência e possivelmente até a responsabilidade coletiva para com a humanidade. Morrison<sup>20</sup> sugere que a terapia ocupacional social pode ser um meio para atingir esse potencial. Como tal, o Brasil está bem posicionado para liderar este caminho para o futuro. É possível ao Brasil liderar, dirigir, orientar seus cidadãos e terapeutas ocupacionais para o Sul global e para todo o mundo.

Eu afirmo que retornamos às raízes coletivas de nossa profissão ainda com uma perspectiva única para o século XXI. Estou confiante de que conseguiremos muito mais do que talvez pensemos ser possível para a profissão nas próximas décadas e ao longo deste século.

“Um ethos que transcende fronteiras” e “Ocupação promove dignidade, competência e saúde” são duas frases de Peloquin<sup>21</sup> que repetem uma chamada anterior a 2005, que Peloquin utiliza para “recuperar” nossas origens. Este é um final apropriado para nossa jornada e tapeçaria tecida. Peloquin<sup>21</sup> compartilhou muito com o leitor, incluindo lembretes de que a terapia ocupacional é simultaneamente arte e ciência. Peloquin<sup>21</sup>, ainda afirmou que somos “desbravadores”. Esta é uma declaração poderosa. No entanto, isso invoca muito o leitor. Embora nosso manuscrito seja escrito primeiro em inglês, desejo sinceramente que seu significado não seja perdido na tradução, mas também reconheço que para atender a todos os critérios apresentados em nosso diálogo, cada indivíduo, comunidade, nação ou região do mundo deve reivindicar e interpretar o seu significado e a sua relevância desta obra.

Nós começamos nossa jornada com a consideração pela nossa consciência ocupacional ao lado da influência das políticas neoliberais dentro de um mundo pós-colonial. Temos evidências suficientes para sustentar que nossas semelhanças individuais e coletivas são maiores que nossas diferenças. Podemos optar por aceitar a possibilidade de não termos uma única definição de ocupação devido as diferenças educacionais enraizadas em diferentes regiões do mundo, cada uma com sua própria narrativa cultural, social e política. É possível superar as desigualdades sociais e impactar a narrativa norteadora. No entanto, para fazer isso, a mudança deve ocorrer no nível local e individual, enquanto há necessidade simultânea de incluir nossa comunidade coletiva e considerações a nível nacional e regional. A Teoria dos Sistemas embutida na Ciência da Ocupação pode ser um meio para começar a lidar com essas tarefas. A reflexividade crítica através da interseccionalidade e as narrativas experienciais combinadas com uma abordagem pragmática poderia muito bem ser o ponto de partida para os próximos passos desta jornada.

Nossa experiência colaborativa através deste manuscrito nos proporciona uma oportunidade de refletir, analisar e contribuir para os níveis micro, meso e macro de nossa narrativa. Navegamos em discussões sobre nosso treinamento formal, nossas semelhanças, nossas diferenças e potenciais questões regionais. Esperamos encorajar o diálogo, incluímos a Ciência da Ocupação na discussão e hipotetizamos como poderíamos sobreviver como profissão. Isso nos deu permissão para considerar possibilidades de alternativas otimistas para o nosso futuro em todo o mundo. Isso nos permitiu explorar e nos engajar de tal forma que poderíamos vislumbrar oportunidades ocupacionais autônomas para aqueles a quem servimos em todos os níveis da sociedade. Perguntamos se o futuro da educação em terapia ocupacional no Brasil passaria para o nível de pós-graduação. Esta questão ainda é bastante tenra e, embora tenhamos feito algumas inferências iniciais, a resposta permanece desconhecida, além do escopo do nosso manuscrito.

À medida que aproximamos nossa jornada e, simultaneamente, estabelecemos um começo para nosso futuro, compartilho com vocês estas palavras e frases que estão entrelaçadas em nosso manuscrito, que parecem coesas em sua conotação. Elas agora fazem parte do nosso vocabulário global, mas você pode ter outros para adicionar à sua história individual. No entanto, à medida que você avança, encorajo-o a refletir sobre a influência de: cura, mudança do mundo, oportunidades ocupacionais, ocupações coletivas, glocalização, transcendência do conhecimento, cotidiano, interconectividade, poder, capacitação e desempenho ocupacional sustentável.

710

## Referências

1. Ramugondo EL. **Occupational Consciousness**. Journal of Occupational Science. 2015Nov; 22(4):488–501. DOI: 10.1080/14427591.2015.1042516
2. Ramugondo, EL. WFOT 2018 **Opening Keynote** - Prof Elelwani Ramugondo [Video], 2018. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=S96IIytPG9I>
3. Salles M, Matsukura T. **O uso dos conceitos de ocupação e atividade na terapia ocupacional: uma revisão sistemática da literatura**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. 2016;24(4):801-810. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAR0525>
4. Angell AM. **Occupation-Centered Analysis of Social Difference: Contributions to a Socially Responsive Occupational Science**. Journal of Occupational Science. 2012Feb;21(2):104–16. DOI: 10.1080/14427591.2012.711230
5. Emmel MLG, Cruz DMCD, Figueiredo MDO. **An historical overview of the development of occupational therapy educational institutions in Brazil**. South African

Journal of Occupational Therapy. 2015;45(2):63–7. <http://dx.doi.org/10.17159/2310-3833/2015/V45N2A10>

6. Fogelberg D, Frauwirth S. **A complexity science approach to occupation: Moving beyond the individual.** Journal of Occupational Science. 2010;17(3):131–9. DOI: 10.1080/14427591.2010.9686687

7. Gerlach AJ.; Teachman G.; Laliberte-Rudman D.; Aldrich R.M.; Huot S. **Expanding beyond individualism: Engaging critical perspectives on occupation.** Scandinavian Journal of Occupational Therapy. 2018, 25(1):35-43. doi: 10.1080/11038128.2017.1327616.

8. Iwama M. **Culture and occupational therapy: meeting the challenge of relevance in a global world.** Occupational Therapy International. 2007, 14(4):183 –187. DOI:10.1002/oti.234

9. Hammell KW. **Sacred Texts: A Sceptical Exploration of the Assumptions Underpinning Theories of Occupation.** Canadian Journal of Occupational Therapy. 2009;76(1):6–22. DOI: 10.1177/000841740907600105

10. Sakellariou D, Rotarou ES. **The effects of neoliberal policies on access to healthcare for people with disabilities.** International Journal for Equity in Health. 2017;16(199). doi: 10.1186/s12939-017-0699-3

11. Garcia-Ruiz S. **Occupational therapy in a globalized world.** In: Kronenberg F; Pollard N; Dikaios Sakellariou FM. Occupational Therapies without Borders - Integrating Justice with Practice. Volume 2. Philadelphia, PA: Elsevier; 2017. p. 185–93.

12. Kovic M. (2016). **Conscientização.** Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, 2016. v. 24, n. 4, p. 659-661. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoED2404>

13. Clark FA.; Parham D; Carlson ME.; Frank G; Jackson J; Pierce D; Wolfe RJ.; Zemke R. (1991). **Occupational Science: Academic Innovation in the Service of Occupational Therapy's Future.** American Journal of Occupational Therapy, Vol. 45, 300-310. doi:10.5014/ajot.45.4.300

14. Wfot. **Resource Centre** [Internet]. WFOT - World Federation of Occupational Therapists. Available from: <http://www.wfot.org/resourcecentre.aspx>

15. Pereira RB & Macquarie University (2013). **The politics of participation: a critical occupational science analysis of social inclusion policy and entrenched disadvantage.** Department of Sociology & Whiteford, Gail, 2013.



16. Gail W; Elizabeth T. **Participatory Occupational Justice Framework (POJF 2010): enabling occupational participation and inclusion.** Occupational Therapies without Borders - Towards an ecology of occupation-based practices. Volume 2. Philadelphia, PA: Elsevier; 2011. p.65-84.
17. World Federation of Occupational Therapists, Mackenzie L.; Coppola S.; Alvarez L.; Cibule L.; Maltsev S.; Loh S.Y.; Mlambo T.; Ikiugu M.N.; Pihlar Z.; Sriphetcharawut S.; Baptiste S.; Ledgerd R. **International Occupational Therapy Research Priorities.** Occupational Therapy Journal of Research. 2017, 37(2):72-81. doi: 10.1177/1539449216687528.
18. Hammell KW. **WFOT 2018 Final Day Plenary - Karen Whalley-Hammell, 2018.** [Video]. Retrieved from [https://www.youtube.com/watch?v=9WipUPXx\\_Kk](https://www.youtube.com/watch?v=9WipUPXx_Kk)
19. Morrison R. **Pragmatist Epistemology and Jane Addams: Fundamental Concepts for the Social Paradigm of Occupational Therapy.** Occupational Therapy International. 2016;23:295-304. DOI: 10.1002/oti.1430
20. Peloquin S. **An ethos that transcends borders. In Occupational Therapies without Borders - Volume 2.** Towards an ecology of occupation-based practices. Philadelphia, PA: Elsevier; 2011, p. 57–63.